



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

## O CORPO SUPPLICADO NO CONTO DE LYGIA FAGUNDES TELLES

### *THE SUPPLICANT BODY IN THE SHORT STORY OF LYGIA FAGUNDES TELLES*

Carlos Magno Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estudo acerca das marcas morais do feminicídio no conto “Dolly”, da coletânea *A noite mais escura e eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles, que retoma as condições similares do estupro da atriz norte-americana, Virginia Rappe, em uma festa em Hollywood em 1921. O corpo de Dolly é encontrado violado e sem vida em sua casa. Por ter sido punida, defendemos a tese que esse corpo é identificado como suplicado, sendo visto como um corpo castigado, conforme as abordagens de Michel Foucault. Essa estratégia simbólica é usada como aniquilamento feminino de acordo com estudos respaldados pela crítica feminista de Lia Zanotta Machado e Rita Laura Segato.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo feminino, violência sexual, conto contemporâneo, feminicídio.

**ABSTRACT:** This article presents a study on the moral marks of femicide in the short story “Dolly”, from the work *A noite mais escura e eu* (1995), by Lygia Fagundes Telles, which resumes similar conditions of the rape of the American actress Virginia Rappe at a party in Hollywood in 1921. Dolly's body is found violated and lifeless at her home. Because she was punished, we defend the thesis that this body is identified as a supplicant, being seen as a punished body, according to Michel Foucault's approaches. This symbolic strategy is used as a female annihilation according to studies supported by the feminist critic of Lia Zanotta Machado and Rita Laura Segato.

**KEYWORDS:** *female body, sexual violence, contemporary short story, femicide.*

### Introdução<sup>2</sup>

Nas últimas décadas do século XX, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nérida Piñon, Marina Colasanti, Lya Luft, Patrícia Melo, entre outras, publicaram obras que trazem cenas de estupros e feminicídios praticados por companheiros e estranhos de forma impactante. Suas obras exploram diferentes estratégias de julgamento e aniquilamento da mulher estruturalmente impostas por valores morais hegemônicos e aterrorizante. Nesse sentido, revisar textos literários que tematizam estupros e feminicídios faz parte de uma prática de descolonização da violência de

<sup>1</sup> Professor Doutor na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: magno11@uol.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9070-9010>

<sup>2</sup> Fomento: CNPq.



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

gênero, que dá visibilidade a códigos sociais de controle da liberdade sexual da mulher. Essa liberdade é atrelada à história de castigos, compartilhados socialmente como o culto da honra masculina.

Essa postura de revisão é identificada pelos estudos de Lia Zanotta Machado, que reconhece nas práticas de violência contra a mulher uma lógica perversa de aniquilamento, sustentada por um “repertório simbólico” hegemônico, regulamentado por diferentes “relações de poder”, pela “desvalorização” do corpo feminino e pela “desqualificação profissional” da mulher (2017, p. 44). As relações entre desejos, proibições e punições são fundamentais para entendermos as estruturas de gênero que disciplinam o corpo da mulher, uma vez que o corpo “está mergulhado no campo político, pois as relações de poder têm alcance sobre o corpo, que o investem, marcam, dirigem supliciam, sujeitam-no ao trabalho, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 2002, p. 25).

Diante de um olhar atento às formas de aniquilamento do corpo feminino, revisamos a forma como os valores morais são avaliados pelas personagens do conto “Dolly”, da coletânea *A noite mais escura e eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles, que narra o estupro seguido de morte de Dolly, fazendo referência ao trágico caso da morte da atriz norte-americana, Virginia Rappe, que falece três dias depois de participar de uma festa regada com muito álcool e drogas, que foi oferecida pelo maior comediante do cinema mudo da época, Chico Boia. Esse caso trágico é descrito de forma paralela ao caso de Dolly e traz novos sentidos para o aniquilamento do corpo da mulher em sociedades patriarcais. O conto se passa em São Paulo, no mesmo ano, e descreve a tentativa de Adelaide, a narradora, de se mudar da pensão, onde dividia um quarto com uma amiga desorganizada, Matilde, para um quarto que pretendia alugar na casa de Dolly, uma linda jovem aspirante a atriz. A narradora se encanta pela vida de liberdade da jovem atriz, mas desiste da mudança por perceber que seus comportamentos não são considerados próprios para uma moça de família.

Para este artigo, particularmente, nos interessam as técnicas que exploram os acontecimentos históricos como uma bússola dos valores morais para avaliação dos comportamentos das personagens femininas. Os pontos em comuns entre o conto e a história da violência sexual sofrida pela atriz americana nos ajudam a entender o quanto a literatura de Lygia Fagundes Telles tem a peculiaridade de explorar os crimes contra mulheres como códigos espectrais



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

próprios do nicho machista e que há muito tempo faz parte do universo artístico das artes. O roteiro de leitura deixado pela referência ao crime da norte-americana abre o texto ficcional para valores morais que ratificam o conservadorismo e o aniquilamento social das mulheres que fogem dos padrões patriarcais.

Esse processo de sobreposição dos corpos da atriz americana e da jovem Dolly nos possibilita rastrear códigos sociais perversos em que o corpo da mulher abusado e assassinado é considerado culpado por ter assumido atitudes de risco. Tal execração da vítima é própria de um corpo suplicado e é sustentada por parâmetros patriarcais hegemônicos.

Antes de propormos nossa análise, vamos expor alguns argumentos que questionais as estratégias desvalorização da mulher vítima de abusos sexuais ou de feminicídio.

## 1 O corpo suplicado

Na literatura brasileira, tantos os escritores quanto as escritoras registraram diferentes formas de agressões contra a mulher, identificadas pelos castigos impostos ao corpo dominado. Nas obras modernistas, quando acontece o feminicídio ou o estupro, há sempre valores morais machistas envolvidos. Por exemplo, as vítimas são descritas como parte de um sistema que controla e vigia aquelas que não seguem os princípios morais como em *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, que relata o assassinato da mãe do narrador pelo pai, que não aceita o fim do relacionamento. O pai é preso e morre enlouquecido, enquanto o corpo da mãe é descrito como uma vítima de um sistema de honra. Em *Os Corumbas*, (1933) de Amando Fontes, temos o exemplo de aniquilamento social que descreve diversas formas de assédio sexual e estupro das operárias da família Corumba, que são rebaixadas e prostituídas logo depois de perderem a virgindade. Nos dois casos, o culto da virilidade escamoteia a barbaridade do crime praticado, pois as narrativas valorizam questões morais que envolvem as vítimas: a honra do esposo e valorização do macho predador, respectivamente.

Na literatura contemporânea, os estupros e feminicídios passaram a ser questionados por Clarice Lispector, Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, entre outras. Em suas narrativas desnudam personagens femininas que ao escolher ser livre sexualmente passam a ser perseguidas ou julgadas como mulheres desavergonhadas. Destacamos dois casos: o estupro



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

praticado por estranhos, em “A língua do P” (1974), de Clarice Lispector, ao detalhar como dois ladrões de trem orquestram um estupro contra uma professora, que viaja sozinha, espalhando o terror àquelas que andam desacompanhadas; e o feminicídio premeditado em “Venha ver o pôr de sol” (1970), de Lygia Fagundes Telles, ao explorar a mente vingativa de Ricardo, que prende Raquel, a ex-namorada, em um cemitério, após ser trocado por outro. Esses contos têm em comum a descrição de práticas sociais de controle do corpo da mulher que vão além de crimes particulares, “uma vez que as ações corporais são orientadas pelos e para os contextos institucionais” (XAVIER, 2007, p. 26).

Nessas narrativas, o corpo da mulher que passa pelo abuso sexual ou pelo feminicídio é punido também com o suplício moral, pois é exposto simbolicamente como mau exemplo para não ser seguido pelos outros. Tal atitude é muito recorrente por parte da imprensa, que repete estigmas do senso comum ao relativizar a culpa das vítimas que foram abusadas ou assassinadas por homens violentos, mas descritas como vulneráveis por suas roupas ou vida sexual livre. Esses casos, quando retratados pelos jornais, reforçam que os crimes contra mulheres “reafirmam estigmas depreciativos em relação a mulheres que acabam por entrar no enquadramento midiático pela tragédia da violência” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 39).

Por esse raciocínio, o corpo suplicado, na escala social, é aquele que sofre a maior violência possível: o homicídio como castigo. Os sentidos da representação desse corpo na literatura são instigantes e deixam pistas dos rituais e das torturas por que passaram milhares de mulheres ao serem exploradas pelo repertório de perversidades masculinas. Esse corpo é normatizado por uma violência estrutural presente nos campos econômico e social. Tal naturalização é imposta e repetida nos discursos de controle e interdição dos corpos sexuais, nos estupros e feminicídios de mulheres que são consideradas de “segunda classe” como prostitutas, vadias, vagabundas, entre outros termos depreciativos usados para justificar esses crimes ao mesmo tempo que repetem o culto da virilidade excessiva.

No campo social, entendemos que a exibição do corpo feminino violado e assassinado funciona como uma estratégia de imposição do terror à mulher, que é desfigurada por maus tratos e abusos por parte de homens que se julgam no direito de punir aquela que está fora da lei do pai. Para Foucault, o corpo suplicado está relacionado ao espetáculo do medo, de criar uma cultura do terror para que atitudes criminosas não fossem repetidas (2002, p. 12). Esse tipo de relativização do



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

crime também está presente no discurso da imprensa que repete valores conservadores: “uma expectativa de que esta mulher deve “comportar-se” como mulher-feminina, deve ainda compartilhar de todas as “virtudes” e “disciplinamentos” que lhe são atribuídos histórica e socialmente para o bem da “honra” masculina” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 41).

Para este estudo, vamos analisar como o suplício é debatido no conto “Dolly”, que expõe códigos espectrais por meio das avaliações que vão sendo feitas pela protagonista, Adelaide e sua amiga, Matilde, a respeito do crime contra a atriz Virginia Rappe. Os aportes teóricos de Michel Foucault sobre o corpo suplicado dialogam com as reflexões feministas que reconhecem que esses crimes têm o objetivo de impor o medo à mulher. Esse tipo de normatização passa pela valorização do poder masculino no qual “o temor e medo das mulheres, ou o sentimento de culpa das mulheres foram construídos reciprocamente pela legitimação do poder de gênero instaurado legalmente de controle e castigo dos homens, com a recíproca culpabilização das mulheres” (MACHADO, 2014, p. 108).

Assim, a principal estratégia da visibilidade desses crimes é o aniquilamento da vítima, visto que são julgadas pelo senso comum como mulheres que viviam vidas perigosas, ou insinuadas como mulheres vulgares, como ressaltam grande parte dos jornais brasileiros e portugueses quando descrevem feminicídios “podendo levar o leitor ou a leitora da notícia a considerar o “desfecho” como merecido” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 39).

Portanto, o estupro ou o assassinato de uma jovem que vive sua liberdade sexual é também uma estratégia coletiva de disciplinar e controlar o comportamento das mulheres, já que, no imaginário social, exibir o castigo dado àquela que desrespeitou a ordem do pai é imposto como terror para as outras jovens. Nessa linha de argumentação, o sacrifício é visto como um ato disciplinador, pois “o corpo de mulher é o índice por excelência da posição de quem rende tributo, de vítima cujo sacrifício e consumição poderão mais facilmente ser absorvidos e naturalizados pela comunidade” (SEGATO, 2005, p. 278).

Tais peculiaridades do aniquilamento da jovem de vida sexual livre são questionadas na literatura de Lygia Fagundes Telles.

## **2 Estratégias de aniquilamento**



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

Apesar de publicado em 1995, O conto “Dolly”, de Lygia Fagundes Telles, merece destaque na história da literatura brasileira por resgatar a memória social de como uma mulher deveria se comportar socialmente nas primeiras décadas do século XX. Ele traz as estratégias de como a imprensa brasileira divulga crimes sexuais contra mulheres. Esse paralelismo entre o que acontece no conto e no trágico caso do estupro da americana nos possibilita a revisão dos valores morais que controlaram os comportamentos sociais das mulheres. A forma como as personagens comentam o caso de estupro antecipa os valores que dão sustentação ao crime sofrido por Dolly.

O conto é narrado depois da segunda ida da narradora, Adelaide, à casa de Dolly para buscar seus cadernos que havia esquecido no dia anterior. No entanto, ela encontra a casa aberta e desarrumada: “Estranhei, ainda era dia. Estranhei também a desordem, cinzeiros e copos espalhados por toda parte, dois pratos com restos de comida ali no chão, mas me lembrei que Dolly é artista e em casa de artista deve ser assim em noite de festa, teve festa” (TELLES, 2009, p. 12). A estratégia de iniciar o conto apontado que houve uma festa desperta curiosidade no leitor pelo tom de suspense próprio de narrativas policiais. Adelaide havia chegado àquele endereço por um anúncio do jornal de aluguel de um quarto. Subliminarmente, essa tentativa de mudança de endereço era também a de escolher uma nova opção de vida que não fosse o casamento. Ela estava se preparando para ser secretária e queria ser escritora, por isso queria novos ares para sua formação.

No entanto, a vontade de morar em companhia de outras moças não era vista como um bom caminho para as jovens que pretendiam se casar. Ao entrar em contato com o cotidiano de Dolly, a narradora recua por achar que suas atitudes eram exageradas. Mesmo em dúvida, opta por seguir as normas: “Sou uma garota ajuizada e uma garota ajuizada faz isso o que eu fiz, toma o bonde Angélica e volta para casa antes da noite” (TELLES, 2009, p. 11). Essa opção parece ser de uma medrosa, de uma mulher que não consegue enfrentar os perigos da vida. Todavia, tal escolha é resultado de mecanismos de disciplinamento das jovens. A avaliação que Adelaide faz de si mesma nos ajuda a entender que há algo de aterrorizador ficou para traz, reforçando que ela estava fugindo de um destino que poderia ser trágico para ela também.

Logo depois, quando a narradora começa a explicar o que aconteceu, ficamos sabendo que Dolly tinha fama de festeira e era vista como desmiolada como comenta a vizinha, quando justifica porque ninguém veio abrir a porta: “Há de ver que ela está ferrada no sono, a moça é levada da breca, a noite passada fez uma farra que durou até a madrugada. A vizinhança não está aguentando



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

mais, a gente vai dar parte” (TELLES, 2009, p. 12). Essa avaliação que condena as atitudes de uma jovem festeira é um prenúncio de que algo de errado poderia acontecer a qualquer momento com ela.

A desqualificação de Dolly, dada pela vizinha, também está relacionada ao fato de ela ser livre e receber namorados em sua casa. No dia anterior, Adelaide também achou Dolly fora do padrão ao combinar como seria o aluguel do quarto: “Achei a casa engraçada, achei a moça meio desmiolada mas tão bonita e não era o que queria, não era bem o que queria. Quando me despedi dessa Dolly, já sabia que não ia voltar” (TELLES, 2009, p. 13). Tal certeza estava atrelada ao comportamento espevitado da jovem que falou de seu futuro na tela, por isso não queria nada sério com seus pretendentes: “o namoro acabou e o perfume ainda está aí, inteiro... *darling*, meu futuro está no cinematógrafo. E ele e a família, todo mundo implicando, foi melhor a gente se separar” (TELLES, 2009, p. 20).

Assim, temos dois perfis de jovens: a sonhadora, que queria ser atriz e a comportada, que queria ser secretária. A primeira estuda inglês, quer participar do concurso de beleza e pretende ir trabalhar em Hollywood, a segunda estuda língua portuguesa e datilografia para conseguir um emprego. Os julgamentos que ecoam nas vozes dessas personagens dão o ritmo das modulações que as mulheres sofriam naquela sociedade e descrevem as possibilidades de trabalho. De um lado Dolly, a aspirante à atriz, com vida sexual livre, e do outro, Adelaide, a jovem aprendiz de secretária, com noivo fixo e que sonhava ser escritora. Esses dois comportamentos são contrastados em toda a narrativa e reforçam o quanto os valores misóginos prevaleciam nas primeiras décadas do século XX com diferentes estigmas contra as jovens que queriam ser artistas.

Além de querer ser atriz, Dolly também faz referência à sua participação do primeiro concurso de beleza realizado no Brasil que foi anunciado em 24 de setembro, pela Revista da Semana. Esses dados históricos são muito importantes para compararmos os valores morais que estão por trás do final trágico da jovem Dolly. Tal concurso comemorava o centenário da independência do Brasil e aconteceu entre 1921 e 1923 por meio de correspondências. Entre outras pistas históricas, o conto está repleto de referências a diversas atrizes que faziam sucesso no cinema mudo como a descrição da capa da revista da época: “A cena muda com o retrato de Norma Talmadge na capa” (TELLES, 2009, p. 17). Em outros momentos, temos referências a fofocas e disputas entre as atrizes: “A Bebe Daniels é a mais popular de Hollywood depois do prefeito, sua



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

única rival é a Mary Pickford, que acho muito enjoada” (TELLES, 2009, p. 18). Essas atrizes eram as mais populares e donas dos cachês mais alto naquele ano.

Voltando à cena do crime, vamos traçar um paralelo entre os valores morais da morte de Dolly e da atriz Virginia Rappe. Após reconhecer a desordem da casa, Adelaide vai até o quarto onde encontra o corpo da amiga sangrando na cama: “No silêncio, a desordem. A luz acesa. A porta do escritório estava entreaberta. Espiei e vi Dolly na cama debaixo do acolchoado. Chamei de novo, Dolly! Mas sabia que ela estava morta” (TELLES, 2009, p. 13). Uma jovem aspirante a atriz, morta no seu próprio quarto.

Muito parecido com o acontecido com a atriz norte-americana, o corpo de Dolly anuncia o suplício de uma jovem que escolheu o caminho da liberdade, pois queria ser atriz e fugir das amarras do casamento. Ela foi punida por querer ser livre. Tais representações nos colocam diante da violência como parte do imaginário de controle patriarcal quando confirmamos que há “relações desiguais de gênero”, identificadas por meio do elogio masculino da força e da agressividade (MACHADO, 2014, p. 124). Ao reconhecermos a violência como uma norma, produzida dentro do campo de regulação de gênero, pretendemos fazer uma reflexão sobre os subsídios simbólicos que circulam o corpo violentado de Dolly na ficção de Lygia Fagundes Telles

Ao optar pela intertextualidade histórica, quando faz referência direta à forma como o estupro de Virginia Rappe foi divulgado pela imprensa, o conto de Telles revisa as estratégias de aniquilamento das mulheres consideradas de segunda classe. Apesar de ser atriz, Virginia Rappe ainda não tinha conseguido sucesso e já tinha tido casos com atores e diretores. Sua vida de festeira foi explorada como uma imagem de depreciação do passado dessa vítima. No conto, Adelaide vai resgatar esse crime assim que descobre a garrafa de vinho suja de sangue, em baixo da cama: “Matilde contando em voz baixa aquela história, roendo as unhas e contando o crime de um famoso ator do *écran*, era um cômico de nome difícil, mas o apelido era fácil, o apelido fácil e o riso na cara redonda, Chico Boia” (TELLES, 2009, p. 13-14).

Retomando o caso da atriz, o conto de Lygia Fagundes Telles explora a questão do suplício do corpo da mulher estuprada e assassinada como uma forma de pregar o terror. Esses modelos de divulgação repleto de terror não são recentes, pois são “modelos formulados a partir dos valores dominantes da condição de gênero e os diferentes padrões socioculturais que informam as relações





ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

violentas entre homens e mulheres, presentes e disseminadas nestas duas sociedades”. (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p. 37).

No conto, o estupro foi concluído com uma garrafa de vinho o que dá um tom de terror apavorante na descrição de Adelaide, que conta para si o que tinha visto na casa de Dolly: “Uma crosta de sangue já coagulado cobria todo o gargalo da garrafa até chegar à circunferência da boca onde a crosta parecia mais amolecida, fechando essa boca feito um dedal” (TELLES, 2009, p. 13). A versão narrada por Adelaide é na verdade uma das várias que foram produzidas para vender jornais. O uso da garrafa não é oficializado nos processos contra o acusado, o ator Roscoe Conkling Arbuckle. Ele foi acusado pela testemunha e amiga da vítima que esteve na festa, Bambina Maude Delmont. Depois de quatro dias internada em um hospital de São Francisco, na Califórnia, Virginia Rappe faleceu por complicações de uma ruptura grave na bexiga e diagnóstico de peritonite, aos 26 anos. No último julgamento, enfermeiras testemunharam que Rappe havia ficado com sequelas de abortos mal feitos. Por isso, não foi possível provar se houve ou não estupro.

Cabe destacar que essa acusação foi transformada em escândalo pela imprensa e teve três julgamentos, apesar de inocentado pelo júri, sempre houve suspeita sobre os depoimentos, pois envolviam testemunhas que tinham ficha policial de extorsão, roubos, entre outros crimes. Esse pano de fundo do conto reforça o quanto as regras morais relativizam os crimes de abuso, ao questionar os comportamentos da vítima. Infelizmente, até os dias de hoje, as vítimas de estupro, seguido de feminicídio, são comparadas às prostitutas, como se fossem mulheres de segunda categoria como nos informa Segato, quando as vítimas são descritas como “prostitutas, mentirosas, fiesteras, drogadictas y en todo aquello que pueda liberarnos de la responsabilidad y la amargura que nos inocular depararnos con su suerte injusta” (2013, p. 35).

A versão do conto de Telles registra o olhar sensacionalista dos jornais que não se preocuparam com a morte da atriz, mas apenas em divulgar detalhes que nem sempre foram comprovados, pois faziam parte das estratégias de grandes vendagens. No conto, a história de Rappe é retomada por Adelaide que ouviu de Matilde a descrição do crime hediondo.

Então trancou-se com ela nessa festa para comemorar alguma coisa e de madrugada enfiou-lhe uma garrafa entre as pernas! Uma garrafa ou coisa parecida. Parei de me pentear e fiquei olhando Matilde no espelho, ela estava atrás de mim. Enfiou o quê?! Ela ficou na ponta dos pés e tirou o polegar da boca. Uma garrafa! Que entrou tão fundo que arreventou tudo lá dentro, a mocinha foi morrer no hospital (TELLES, 2009, p. 14).



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

Para a antropóloga Rita Laura Segato, esses crimes “não são obra de desvios individuais, doentes mentais ou anomalias sociais, mas de expressões de uma estrutura simbólica profunda que organiza nossos atos e nossas fantasias e confere-lhes inteligibilidade” (2005, p. 270). O sacrifício da mulher é atravessado pela perversa inteligibilidade de controle e manutenção da misoginia. No caso de Virgina Rappe não é diferente, o acusado foi ofendido por um grupo de advogados, que conseguiu provar a inocência de Chico Boia, visto que a vida pregressa de Rappe não era das melhores.

No conto, o aniquilamento da atriz lhe assusta e a motiva a abandonar seus planos de mudança, por isso volta a pensar em ser secretária e escritora. Simbolicamente, o corpo de Dolly, a jovem aspirante de atriz, representava perigo para os padrões morais, por ter perdido a pureza, visto que ele ameaça a pureza das mulheres. Além do terror de ver a crueldade feita no corpo da amiga, Adelaide se sente aliviada por não ter ido morar com ela. Nesse sentido, mais uma vez identificamos estratégias morais que dão visibilidade ao corpo suplicado de Dolly, visto que “a forma da execução faz lembrar a natureza do crime” (FOUCAULT, 2002, p. 39). Ao retratar um crime que fazia parte do imaginário daquela geração, o conto de Telles resgata o silêncio da jovem estuprada como uma vítima não só de seu abusador, mas de uma sociedade que julgava vítimas de violência sexual como culpadas.

Por esse ângulo, a vida desregrada de Dolly reforça os perigos que ela representava para seus vizinhos. Sem normas, ela implodia o padrão daquele sistema, mas as perversas convenções machistas prevalecem com seus códigos punitivos como nos explica Segato: “Si el acto violento es entendido como mensaje y los crímenes se perciben orquestados en claro estilo responsorial, nos encontramos con una escena donde los actos de violencia se comportan como una lengua capaz de funcionar eficazmente para los entendidos” (SEGATO, 2013, p. 31). Dolly não foi morta apenas por uma violência sexual extrema, ela foi punida por um sistema que impõe o terror como estratégia disciplinar do corpo feminino.

Para finalizar, vamos retomar o debate feito pelas personagens do conto sobre os motivos por trás da morte da atriz norte-americana. Matilde e Adelaide questionam o que levaria um homem a cometer um crime tão bárbaro como esse. As hipóteses nascem do senso comum que cultuam a virilidade masculinidade acima de tudo. A primeira explicação estaria na negação da moça: “ela resistiu na hora e ele ficou uma fúria, virou bicho e veio com a garrafa ou coisa parecida” (TELLES, 2009, p. 14). Essa possibilidade é a mais bárbara de todas, pois justifica a violência por



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

não ter havido concordância da vítima e mais uma vez prevalece parâmetros sociais do culto da virilidade.

No segundo motivo, na conversa entre elas, é ressaltada outra possibilidade relacionada à moral masculina: a falha de ereção, o que geraria uma vergonha para o homem. A questão da honra entra em jogo para explicar a barbárie: “ele não conseguiu acabar o que tinha começado e ficou com tanta vergonha que subiu a serra, parece que o homem, coitado! Às vezes não consegue e então abre o caminho com a primeira coisa que tiver na mão, pode até ser essa mão!” (TELLES, 2009, p. 14). As duas reconhecem que os homens usam a violência quando querem abusar sexualmente e quando não conseguem completar seu coito, agem com brutalidade. Nenhuma das justificativas se comprovam e ecoam como extensão da barbárie machista, reforçando que os valores sexuais são controlados por códigos espectrais do culto da masculinidade.

Por essa perspectiva, o conto expõe o corpo suplicado como uma normatização do poder masculino. Para que sirva de exemplo, a jovem atriz foi punida por um homem que a executa com uma garrafa de vinho. A ideia da falha da ereção masculina é ventilada pelas personagens do conto, todavia a perversidade do crime não tem nenhuma lógica. A insinuação do assassinato ser consequência de crise de masculinidade do assassino reforça que está em jogo apenas a manutenção da dominação masculina que é duplamente explorada no conto pelo aniquilamento social de Dolly e por seu fim trágico, que está relacionado ao código comportamental de vida perigosa que ela levava como afirma sua vizinha. Sua liberdade sexual era um incômodo.

Como articulado pelas feministas, o imaginário de controle patriarcal vai além de uma mente doentia que comete um crime bárbaro contra uma mulher, trata-se também de uma estratégia de aniquilamento do corpo da mulher pregada pelo nicho machista. Esse tipo de violência está registrado desde os contratos sociais ao abuso do corpo da mulher, reforçando que a estrutura patriarcal é sustentada por “relações desiguais de gênero”, quando identificamos o elogio masculino da força e da agressividade (MACHADO, 2014, p. 124).

Sem se convencer que as justificativas para a crueldade sofrida por Dolly tivessem a ver com a virilidade e a honra do agressor, Adelaide retoma em seus pensamentos na tentativa de encontrar uma explicação para a barbaridade a partir do ponto de vista do que o noivo de Matilde tinha dito: “E o motivo? O noivo disse que três motivos podiam provocar um crime assim, ela esqueceu o terceiro, mas não tem terceiro, o motivo é um só, a crueldade, a crueldade, a crueldade”



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

(TELLES, 2009, p. 25). Ao concluir o conto com essa perspectiva, Lygia Fagundes Telles deixa a brecha para pensarmos o quanto o aniquilamento do corpo da mulher foi cultuado como forma de controle sexual.

Além disso, ao destacar a crueldade do crime, a autora produz uma literatura que revisa a relativização da violência sexual ainda muito comum nos dias de hoje em casos de estupros e feminicídios, quando se insinua a forma como a mulher está vestida, ou quando responsabiliza uma vítima por saber dos perigos que uma mulher está exposta ao andar sozinha à noite. Politicamente, o conto de Telles abre possibilidades para outras reflexões necessárias para nomearmos, entendermos e erradicarmos essa barbaridade em nossa sociedade.

### **Considerações Finais**

No conto Dolly, em que a mulher é exposta ao estupro seguido de morte, percebemos que Telles retoma a questão dos códigos espectrais da violência contra a mulher de um lugar crítico e enfático: dá voz às mulheres silenciadas por um sistema que sempre relativiza o agressor quando se trata de pessoa da família ou figura pública, como foi o caso do ator americano. Há uma proposta estética de revisão do passado, buscando uma releitura de um crime que foi silenciado durante muitos anos pela indústria de cinema. No campo estético, identificamos diversos recursos que expõem o aniquilamento feminino fora do padrão. Fora dessa estrutura, o corpo suplicado é visto como um modelo disciplinador, pois atinge todas as mulheres, já que a vigilância está atrelada ao controle dos padrões de gênero, reforçando a premissa de que “o castigo é também uma maneira de buscar uma vingança pessoal pública” (FOUCAULT, 2002, p. 42).

Por esse olhar, retomamos o caso do julgamento do ator Fatty Arbuckle que teve sua carreira arruinada, pois nunca conseguiu se livrar da culpa de ter violentado a colega de trabalho, todavia para o público e para o judiciário era inocente, já que ficou provado que a vítima tinha um passado que a condenava. Ao desqualificar a vítima, o júri americano seguiu a premissa de relativizar a culpa do abusador. Espantoso que tais julgamentos ainda são praticados 100 anos depois. Nesse contexto, a narrativa de Telles desmascara as engrenagens da dominação masculina ao rejeitar a premissa comportamento de risco de Dolly. Para Adelaide, a crueldade norteia essa violência sexual. Assim, esse conto se estrutura em torno das ambições de Adelaide, que recua depois de ter experimentado de tão perto os perigos para uma mulher livre. Depois de toda tragédia de Dolly, ela



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

opta por uma vida tradicional: estudar para ser secretária e se casar com o noivo. Ao deixar o corpo de Dolly para trás, Adelaide está também se livrando dos perigos que iria se expor ao mudar de endereço e de vida.

Com uma estética de revisão, o conto compara a morte de Dolly a de Virginia Rappe, aproximando valores morais muito comuns às sociedades norte-americana e brasileira: o culto do corpo jovem e puro da mulher. Nesse processo, tanto no caso do estupro de Rappe quanto de Dolly vêm à tona a dominação masculina, que está exposta na vergonha que o fracasso da virilidade pode causar. Nesse episódio, ao haver a prática da violência como estratégia da masculinidade, a narrativa ficcional desloca os valores da relativização da culpa da mulher e reforça a premissa de que os castigos impostos ao corpo feminino servem como um ritual de suplício, que menospreza o corpo feminino fora do padrão patriarcal. Tal estratégia narrativa nos lembra que, na exibição do sujeito julgado culpado, o corpo da vítima é forçado a revelar seus erros que estão sendo julgados, como ressalta Foucault (2002, p. 38). Tais estratégias literárias se aproximam da perspectiva de um feminismo de resistência que não aceita a naturalização do corpo da mulher como um objeto maculável.

Por esse prisma, ressaltamos que o conto “Dolly” explicita a questão do castigo moral que as mulheres sofrem quando não se enquadram nos padrões sociais. Essa estratégia de poder é fundamental para a relativização do feminicídio como um ato de controle masculino e, simbolicamente, faz parte da “economia das regras que controlam o corpo”. Ao aniquilar o corpo da mulher, o conto retoma o debate sobre os valores que estão por trás do feminicídio fora dos casamentos visto que “é sempre o corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão” (FOUCAULT, 2002, p. 25).

Assim, ao descrever um corpo indefeso, violentado pelas regras da masculinidade, o conto denuncia uma regulação sexual opressora. Tal crueldade é controlada pelas estruturas desiguais de gênero que são pautadas pela moral masculina de “controlar, fiscalizar a honra e fazer obedecer às mulheres, impondo assim sua vontade quer seja por agressão físico-moral ou apenas moral” (MACHADO, 2017, p. 42). De forma impactante, deparamo-nos com uma regulação marcada pela imposição da violência e do controle *ad infinitum* do corpo da mulher, sem medir as consequências psicológicas para esse ser que é aniquilado socialmente. Além disso, a associação do terror sexual às normas sociais expõe a perversidade da normatização de gênero que é regulada por “atos” e



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

“fantasias” aceitos coletivamente, pois conferem inteligibilidade para diferentes formas de julgá-los (SEGATO, 2005, p. 270).

A opção estética de traçar um paralelo entre o comportamento das personagens femininas, tanto da ficção quanto da história do cinema, propõe um roteiro de revisão dos valores que cercam o feminicídio fora do casamento. Por essa ótica, o conto retoma tradições de longa duração que rebaixam os corpos femininos opostos aos padrões idealizados, visto que as regulações de gênero “são inventadas e reinventadas” de forma dinâmica para manter os privilégios masculinos (MACHADO, 2017, p. 38). Portanto, Dolly traz um olhar de contestação do estupro seguido de feminicídio, deixando ecoar discursos sistemáticos que dão sustentação oficial ao aniquilamento da mulher de sexual livre.

## Referências

- BANDEIRA, L. M.; MAGALHÃES, M. J. A transversalidade dos crimes de feminicídio/femicídio no Brasil e em Portugal. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 29-56, 2019.
- BUTLER, J. Desregulando gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, v. 42, p. 249-274, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 26. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MACHADO, L. Z. O medo urbano e a violência de gênero. In: MACHADO, L. Z. *et al.* (Orgs.). **A cidade e o medo**. Brasília: Verbena/Francis, 2014, p. 103-125.
- MACHADO, L. Z. Violência contra as mulheres: diálogos entre feminismo e ciência social. In: DIAS, A. *et al.* (orgs.). **A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas**. Aracaju: Editora IFS, 2017, p. 37-54.
- PASINATO, W. Feminicídios e as mortes de mulheres no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero, v. 37, p. 219-246, 2011.
- SEGATO, R. L. Las estructuras elementales de la violencia: contrato y status en la etiología de la violencia. **Série Antropológica**. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB, 2003.
- SEGATO, R. L. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, 2005.



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



---

Recebido em: 22-11-2020    Aprovado em: 21-12-2020    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5092>

SEGATO, L. R. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

TELLES, L. F. “Dolly”. In TELLES, L. F.. **A noite mais escura e eu**. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 11-26

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Santa Catarina: Mulheres, 2007.